



NO FINAL DA TARDE, 320 ARAPUCAS FORAM ESPALHADAS EM CONQUISTA DA VITÓRIA, ÁREA RURAL DE SÃO SEBASTIÃO: BIÓLOGOS APANHAM HOJE OS RATOS

Armadilhas acionadas

MARCELO ROCHA

DA EQUIPE DO CORREIO

Passados 18 dias da morte por hantavirose de três moradores de São Sebastião, a captura de ratos silvestres nos arredores da cidade começou ontem à tarde. Técnicos do Instituto Adolfo Lutz (IAL), de São Paulo, e da Secretaria de Saúde do Distrito Federal espalharam centenas de armadilhas no cerrado. Eles querem saber quais espécies de roedores hospedam o vírus causador da doença e, assim, identificar os pontos onde ocorreu a contaminação.

O primeiro local de coleta foi no assentamento Conquista da Vitória, a oito quilômetros do centro de São Sebastião, onde mora a família do caseiro Francisco Gomes da Silva, 24 anos, uma das vítimas da hantavirose. Às 17h, os técnicos distribuíram 320 ratoeiras especiais — uma caixa metálica importada dos Estados Unidos e que permite a captura dos ratos com vida.

Além de Conquista da Vitória, os pesquisadores do IAL, da Secretaria de Saúde e do Ministério da Saúde, instalarão armadilhas, até a próxima segunda-feira, em pelos menos outros três possíveis pontos de contaminação. Dois ficam em Vila do Boa e outro em João Cândido, respectivamente os endereços das demais vítimas: Denifer Utiwma, 17, e Adauto Silva de Lima, 16.

Para aproximar os roedores, os

O DESTINO DOS RATOS

- ✓ Os roedores silvestres capturados nos possíveis pontos de contaminação serão levados para um laboratório provisório, montado na área do Complexo Penitenciário da Papuda
- ✓ Depois de sacrificar os animais, os biólogos retêm sangue e vísceras. O material será congelado a -196°, enviado e analisado no Instituto Adolfo Lutz (IAL), em São Paulo, onde

será verificado que espécies hospedam o hantavírus

- ✓ A carcaça será depositada em formol. E o crânio, reservado para taxidermia nos casos dos animais portadores do hantavírus

- ✓ Os técnicos do IAL devem divulgar os resultados em até 30 dias. A partir deles, será possível identificar os pontos de contaminação e estudar medidas para o controle dos focos da doença

biólogos colocam no interior da armadilha uma mistura feita de pasta de amendoim e aveia. Atraído durante a noite pelo alimento, os ratos são fígados ao entrar no recipiente, que se fecha automaticamente. Os técnicos do IAL e da Secretaria de Saúde voltam ao lugar hoje de manhã, onde esperam encontrar animais em 10% das arapucas.

Os bichos apreendidos serão levados para um laboratório provisório na área do Complexo Penitenciário da Papuda. Foi lá que os quatro pesquisadores do Adolfo Lutz montaram estrutura para trabalhar logo depois de chegar a Brasília, ontem pela manhã. No local, uma espécie

de galpão, os ratos serão sacrificados. “Extrairemos o sangue e as vísceras para enviar a São Paulo”, informou ao **Correio** o coordenador da equipe, o biólogo Luiz Elói Pereira.

O material seguirá congelado a 196 graus negativos. Já a carcaça será depositada em formol e o crânio reservado para taxidermia, nos casos de animais portadores do hantavírus. Em até 30 dias, o IAL apontará que espécies de roedores hospedam o hantavírus. “A partir daí, traçaremos um mapa dos pontos de contaminação”, acrescentou Elói. Outra providência prática será a aplicação de medidas para o combate aos focos da doença.

Segurança

Na hora de distribuir as armadilhas no cerrado, os pesquisadores usaram macacões e botas de borracha. O risco, porém, é maior no momento de recolhê-las. Ninguém pode se aproximar das áreas de risco enquanto a equipe estiver nos locais. Trabalha-se com nível 3 de segurança, o que significa a utilização de roupas especiais, isolantes e máscara com ventilação forçada. O nível 4 é o de mais alta segurança, indicado para o vírus ebola, por exemplo.

A mulher e os filhos de Francisco Gomes da Silva estavam na chácara quando os biólogos chegaram a Conquista da Vitória. “Eles precisam descobrir logo como meu marido morreu e informar isso para quem ainda ficou por aqui”, comentou a dona-de-casa Tânia da Silva Santana, 30. A viúva pretende se mudar dentro de três meses. “Acho que vou para Brasília (Planaltina de Goiás).”

Paralelamente ao trabalho iniciado ontem pelo Instituto Adolfo Lutz, Ministério da Saúde e Secretaria de Saúde, 115 agentes ambientais da Vigilância Ambiental estiveram em São Sebastião durante toda a semana para fazer um levantamento ambiental de risco urbano. Na próxima semana, a secretaria deverá divulgar os principais hábitos da população e as causas do aparecimento de animais que podem transmitir doenças na cidade.